

Bioética e saúde global: um diálogo necessário

Paulo Antonio de Carvalho Fortes¹, Regina Ribeiro Parizi Carvalho², Glaucia Rita Tittanegro³, Livia Maria Pedalini⁴, Daniele Pompei Sacardo⁵

Resumo

O artigo é uma reflexão teórica sobre o estabelecimento de pontes para o diálogo entre a bioética e a saúde global. Esta envolve o estudo e a prática de temas de saúde que extrapolam as fronteiras nacionais, impondo a necessidade de ação e acordos globais para sua resolução. Refere-se aos impactos transnacionais da globalização sobre os determinantes sociais e problemas de saúde que estão além do controle dos países. Desde Potter, a bioética discute a necessidade do cuidar do planeta, relacionando as condições de vida dos seres humanos ao meio ambiente. Assim, a bioética pode ser adequado instrumento para discutir essa diversidade de problemas de saúde global a partir dos princípios de justiça, equidade e solidariedade, visando reduzir injustiças e promover uma comunidade global responsável com as gerações atuais e futuras.

Palavras-chave: Bioética. Saúde global. Saúde mundial. Equidade.

Resumen

Bioética y salud global: un diálogo necesario

El artículo es una reflexión teórica sobre el establecimiento de puentes para el diálogo entre la bioética y la salud global. Ésta abarca el estudio y la práctica de temas de salud que ultrapasan las fronteras nacionales, imponiendo la necesidad de acción y acuerdos globales para su resolución. Se refiere a los impactos transnacionales de la globalización sobre los determinantes sociales y problemas de salud que van más allá del control de los países. Desde Potter la bioética discute la necesidad de cuidar el planeta, relacionando a las condiciones de vida de los seres humanos y del medio ambiente. De esa forma, la bioética puede ser un adecuado instrumento para discutir esa diversidad de problemas de salud global a partir de los principios de la justicia, equidad y solidaridad, objetivando reducir injusticias y promover una comunidad global responsable con las generaciones actuales y futuras.

Palabras-clave: Bioética. Salud global. Salud mundial. Equidad.

Abstract

Bioethics and global health: a necessary dialogue

This article is a theoretical reflection on establishing bridges for a dialogue between bioethics and global health. It involves the study and practice of health issues that go beyond national borders, imposing the necessity of global action and agreements for their resolution. It refers to the transnational impacts of globalization over social determinants and health issues that are beyond control of countries. Since Potter, bioethics discusses the necessity of caring for the planet, relating life condition of humans to the environment. Thus, bioethics may be a suitable instrument to discuss this diversity of global health issues from the principles of justice, equity and solidarity, aiming at reducing injustice and promoting a global community accountable for current and future generations.

Key words: Bioethics. Global health. World health. Equity.

1. **Livre docente** pacfusp@usp.br – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) 2. **Doutoranda** pariziregina@gmail.com – Universidade de Brasília (UnB) 3. **Doutora** glauciatittanegr@uol.com.br – Pontifícia Universidade Gregoriana/Roma/Itália 4. **Doutora** guilligui@usp.br – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) 5. **Doutora** danipsac@usp.br – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, Brasil.

Correspondência

Paulo Antonio de Carvalho Fortes – Avenida Dr. Arnaldo, 715 Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo CEP 01246-904. São Paulo/SP, Brasil.

Declararam não haver conflito de interesse.

O artigo objetiva estabelecer um diálogo inicial entre dois campos de conhecimento – saúde global e bioética –, não pretendendo aprofundar domínios específicos relacionados às duas temáticas, como, por exemplo, o campo dos direitos humanos, que se restringe nesta reflexão à *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos*, da Unesco, pois tal ensejaria uma discussão com maior profundidade, que encampasse outros instrumentos e perspectivas de diálogo. O mesmo ocorre com o fenômeno da globalização, apresentado em poucos parágrafos apenas para contextualizar o atual momento histórico do debate sobre saúde global, não aprofundando as interfaces com os campos econômico, sanitário, social e ambiental.

Pretende-se apresentar uma abordagem contemporânea, apontando as atuais discussões sobre a conceituação de saúde internacional e global, seus diferentes enfoques e necessidades em saúde. Assim sendo, não se pauta sobre a Organização Mundial da Saúde (OMS) e demais organizações públicas e privadas internacionais que atuam em saúde global, que por sua importância merecem tratamento específico em outros trabalhos científicos. Ressalte-se que o objetivo desta apresentação é estabelecer e estimular o início do diálogo entre saúde global e bioética, realçando a importância desta última como instrumento de reflexão para a primeira, sem advogar a supremacia de qualquer corrente da bioética como solução mais adequada para sua análise.

Mundialização e saúde global

A preocupação com a saúde internacional, termo cunhado em 1913 pela Fundação Rockefeller nos Estados Unidos da América (EUA), não é recente na história da humanidade. Contudo, é no século XX que a saúde internacional assume toda a sua força, sobretudo após as duas grandes guerras, procurando responder às ameaças que pairavam sobre a humanidade após os conflitos ¹.

Nos anos 90 este conceito ou forma de conhecimento começa a ser questionado e desde então vem se desenvolvendo o conceito de *saúde global*, que tem a OMS como um de seus porta-vozes principais. Ainda sem consenso na literatura internacio-

nal, o campo do conhecimento da saúde global é de suma importância, pois emerge da compreensão de que muitas questões de saúde ultrapassam as fronteiras territoriais, sendo essencialmente globais. Sua resolução necessita intervenção e acordos entre diversos atores sociais, incluindo países e governos, bem como agências e instituições internacionais públicas e privadas.

Fatos recentes e marcantes como a pandemia do vírus influenza A (H1N1), os desastres naturais ocorridos na Indonésia, Japão, Haiti e Chile, as mudanças climáticas globais, as ameaças de bioterrorismo e os casos de contaminação alimentar em países europeus causados pela bactéria *Escherichia coli* evidenciam que a saúde vem ocupando lugar estratégico na agenda das relações internacionais. Todos estes fatos indicam a necessidade de ampliar a cooperação entre os países, com vistas ao enfrentamento de questões complexas dessa natureza.

A *saúde global* também envolve questões centrais que afetam diversas dimensões da vida humana: o acesso a cuidados de saúde e medicamentos essenciais, a alimentação e água de boa qualidade, a melhoria das condições ambientais, a eliminação da marginalização e da exclusão social e a redução da pobreza e do analfabetismo – como aponta a *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos* ².

O conceito busca, ainda, compreender problemas de saúde mais frequentes no mundo com a internacionalização de eventos sanitários e com as transformações dos sistemas e das políticas públicas de saúde, principalmente em seus efeitos internacionais. Cabe destacar que a saúde vem sendo considerada fator propulsor do crescimento econômico e não apenas decorrente deste, como anteriormente se apregoava ³.

As questões de saúde global são complexas e sua complexidade exige, primeiramente, a distinção dos vários atores envolvidos e seus interesses diversos. Discernir os atores exige particularizar as ações. Como afirma Aristóteles ⁴ na *Ética a Nicômaco*: devemos examinar o que é relativo às ações, como realizá-las, pois elas são as principais causas da formação dos diversos modos de ser.

Sob tal consideração, pode-se afirmar que este campo de conhecimento é eminentemente ético,

por buscar refletir sobre as questões de saúde em um mundo complexo, elucidando-as, procurando formas de mediação de conflitos, buscando acordos. Encontramos reflexos disso, por exemplo, em autores como Smith, Tang, Nutbeam⁵, Kickbusch e Berger⁶, que ponderam acerca dos desafios para a saúde global.

As ações relacionadas à saúde global aportam diversos problemas éticos não diferentes dos que já preocupam localmente, mas ampliados em espaço e tempo: como decidir quais vidas devem ser salvas em determinadas situações, como catástrofes naturais? Deve-se buscar resolver necessidades de populações com maiores fatores de risco ou atuar no conjunto das populações? Onde, quando e para quem se deve alocar recursos escassos? Quais riscos podem ser aceitos nas intervenções? Quais valores morais devem ser preservados? Como conciliar interesses individuais, de grupos e da sociedade? Como conciliar posições morais diferenciadas entre cooperantes distintos?⁷ Ao definir o campo de ação compreende-se sua importância, pois a saúde global refere-se a impactos transnacionais da globalização sobre os determinantes sociais e problemas de saúde que estão além do controle individual dos países^{5,6}.

Os processos de globalização, neste século XXI, estão relacionados à crescente incorporação tecnológica, à ampliação dos meios de comunicação, às mudanças climáticas e transformações ambientais, à crescente migração das populações em busca de melhores condições de vida e de trabalho ou fugindo de perseguições políticas ou desastres naturais. A literatura recente trata da globalização econômica aliada à globalização política, cultural, tecnológica, informacional e comunicativa. Todo este processo resulta em novas oportunidades e desafios, devendo ser analisados os benefícios e impactos adversos que envolvem todas as dimensões das relações humanas.

Santos⁸ afirma que quando se fala de globalização tratam-se, na verdade, das características dominantes do tema. Admitindo que não há consenso em sua conceituação, muito menos acerca de seus efeitos e impactos, indica que constitui campo de conflito entre distintos grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos e subalternos. Ainda assim,

destaca, o *campo hegemônico atua na base de um consenso entre os mais influentes membros. É esse consenso que não só confere à globalização as suas características dominantes, como também legitima estas últimas como as únicas possíveis ou as únicas adequadas*⁹. Este consenso ao qual o autor se refere é o conhecido *consenso neoliberal* ou *consenso de Washington*, que redefiniu, durante os anos 80, o papel dos Estados na economia – o que afetou todas as dimensões da globalização.

Kawashi e Wamala¹⁰ sintetizam a globalização como processo que diminui o custo das distâncias e Alarcos¹¹ a entende como a redução de espaço e tempo, com o desaparecimento das fronteiras, vinculando a vida cotidiana das pessoas a fatos que ocorrem em outras partes do planeta, constituindo-se em novo paradigma da atualidade, o qual tem exigido redobrada atenção da agenda internacional. Há também autores, na literatura da década de 90, que distinguem os fenômenos da globalização e da mundialização. Tome-se como exemplo Dreifuss¹²:

*(...) a mundialização lida com mentalidades, hábitos e padrões; com estilos de comportamento, usos e costumes e com modos de vida, criando denominadores comuns nas preferências de consumo das mais diversas índoles. A mundialização compreende a generalização e uniformização de produtos, instrumentos, informação e meios à disposição de importantes parcelas da população mundial (...)*¹³.

Tal generalização e uniformização já era por ele apontada, naquela época, como fruto da sempre mais crescente movimentação entre os povos, pelas razões acima indicadas. Procurando, então, definir o conceito de globalização, o autor refere que *sob a denominação de 'globalização' encontramos diversos fenômenos e variados conjuntos de processos pertencentes ao 'âmbito' da economia (pesquisa, financiamento, produção, administração, comercialização) que se desdobram na sociedade, se expressam na cultura e marcam a política, condicionando gestão e governança nacional*¹⁴.

A distinção de Dreifuss¹², apenas sutil, tem consideráveis implicações para o tema saúde. A saúde global irá, de fato, lidar com esta tensão entre a economia e a política. Em outras palavras, seu

campo reflete a resistência das mentalidades e dos modos de vida aos padrões e/ou acordos, pactos, modos estabelecidos pelas negociações nos órgãos de políticas públicas internacionais. Pode-se dizer, enfim, que *a tensão entre mundialização e globalização é o eixo norteador que promove a discussão sobre os determinantes sociais de saúde*, pois para mediar acordos, propor intervenções ou possibilidade de diálogo na mesa de negociações é preciso enfrentar o desafio de pensar as questões no limiar entre a economia e a política.

Os fenômenos da mundialização e da globalização ocorrem com processos de interdependência e intradependência planetária que têm como consequências: 1) a diminuição do poder e transformação do papel desempenhado pelos Estados-nação; 2) a desregulamentação dos mercados; 3) o aparecimento de blocos político-econômicos de integração regional; 4) a renovação do papel das organizações públicas internacionais, como a OMS; 5) o aparecimento de novos atores sociais públicos e privados, conformando novas relações de poder.

Se anteriormente o foco das estratégias de saúde internacional era a propagação das doenças infecciosas, pelo medo da possibilidade de epidemias transfronteiriças e pandemias, agora a preocupação global se orienta também por outras questões capazes de afetar a saúde global: poluição, mudanças climáticas globais, ameaças de bioterrorismo, ampliação dos processos comerciais de produtos e serviços de saúde, migração de profissionais de saúde, mobilidade de consumidores de saúde, padrões nutricionais e alimentares não saudáveis, disseminação do tabaco, álcool e das drogas ilícitas. Nos agravos à saúde humana, a preocupação passou a ser com a escalada das enfermidades crônico-degenerativas não infecciosas, como a diabetes, as doenças cardiovasculares e a obesidade, que têm como fatores preponderantes as mudanças de padrões alimentares, de hábitos e estilos de vida, muitas vezes advindas dos países ricos para os países pobres¹⁰.

Para além do possível incremento da economia, os esforços deste novo campo de conhecimento procuram tornar claro que os eventos climáticos de grande magnitude, como os recentemente ocorridos no continente asiático, e as crises econômicas nos países centrais afetam economicamente todo o pla-

neta, enquanto doenças transmissíveis expandem-se a grandes distâncias, em curto período de tempo. A saúde global esforça-se por demonstrar a intrínseca relação entre o ambiente e a saúde humana.

Compreende-se que os impactos da industrialização produzem *externalidades* que afetam todo o planeta. Mesmo que possam ser caracterizados apenas como problemas de ordem transfronteiriça, a poluição, o lixo eletrônico, a contaminação da água potável e de grandes extensões dos oceanos, bem como a degradação do solo por exploração agrícola ou mineral por empresas multinacionais, revelam que não há como circunscrever localmente seus efeitos prejudiciais, haja vista que a Terra é um sistema ecológico fechado.

Ainda que tal compreensão não tenha sido de fato totalmente assimilada, a internacionalização de riscos, como também a de oportunidades, tem levado ao desenvolvimento e à ampliação da cooperação internacional, pois muitos problemas de saúde necessitam respostas globais para ser solucionados. Esta cooperação não significa apenas ajuda entre países e instituições, mas sim trabalhar juntos, considerando benefícios e problemas. A saúde global requer cooperação efetiva e, para isso, é fundamental que as relações entre países e instituições sejam mais simétricas, com compartilhamento de interesses entre os envolvidos, partindo-se das realidades e prioridades locais e nacionais^{15,16}.

Bioética – antecipando a globalização

Na segunda metade do século XX, Potter¹⁷ publicou a importante obra *Bioethics: bridge to the future*, na qual discute a necessidade do cuidado mais amplo para com o planeta, relacionado às condições de vida não só dos seres humanos, mas de todo o ambiente. Esta, talvez, tenha sido uma das primeiras concepções globalizantes feitas à época, prenunciando verdadeira avalanche de mudanças que ocorreriam no mundo, influenciando e sendo influenciada pelo processo de difusão dos fundamentos da globalização – que ocorreu a partir do final dos anos 70.

Desde então, tanto a globalização quanto a bioética ganharam outras formas em relação aos seus países de origem, pois ao serem difundidas

internacionalmente agregaram novas contribuições. Assim, à globalização econômica seguiu-se a das comunicações, dos transportes e da tecnologia, enquanto a bioética passava da análise e recomendação sobre a saúde e a vida no planeta do ponto de vista individual para o coletivo, mediante a extensão das mudanças que ocorriam no mundo globalizado.

Cabe destaque aos países da América Latina, cujos autores no campo da bioética vêm discutindo há mais de uma década os efeitos da globalização, que são diferenciados dependendo dos povos e culturas. Nesse contexto, discute-se a questão da justiça distributiva para os recursos da saúde ¹⁸, bem como a necessidade de um aporte básico sanitário, mediante a concepção da bioética de proteção ¹⁹ ou da resolução das questões persistentes e emergentes de saúde e vida dos povos, utilizando o princípio da equidade conforme a bioética de intervenção ²⁰.

A bioética tem sido considerada uma reflexão que se esforça por abranger as dimensões biológica, social, psíquica, espiritual, cultural e histórica do ser humano na análise das questões, problemas e dilemas éticos que emergem no cotidiano. Mas, também, é vista como um movimento socio-cultural de defesa e proteção de valores éticos no campo da vida e da saúde que se manifesta mediante pesquisas, discursos e práticas, geralmente multidisciplinares ^{18,21}.

O pressuposto fundamental dessa reflexão é de que a vida é vulnerável e que essa vulnerabilidade global é compartilhada por tudo o que existe: *todos são e estão expostos às alterações do ambiente, principalmente os mais pobres*. A bioética trata, ainda, da transcendência da responsabilidade ética, que não deve se limitar ao mundo contemporâneo, mas propagar-se no tempo para assegurar a manutenção das condições de sobrevivência do planeta para as gerações futuras – no momento apenas potenciais ¹¹.

Assim, a pergunta que tem sido colocada aos estudiosos e pesquisadores, cada vez com maior frequência, seria: como a bioética poderia contribuir com as discussões dos temas relativos à saúde global, que enfrenta tantos e tão diversos desafios na contemporaneidade?

Saúde global e bioética – um diálogo necessário

As questões ora levantadas demonstram que o grande desenvolvimento econômico e tecnológico não se basta em si mesmo, requerendo que seus pressupostos e objetivos sejam eticamente discutidos pelo conjunto das sociedades nos fóruns mundiais e compartilhado de forma justa por todos. Tanto a mídia internacional quanto as redes sociais, outro fenômeno do processo da globalização, vêm divulgando posicionamentos que refletem, preponderantemente, uma visão crítica desses aspectos. Particularmente na saúde, as preocupações são redobradas.

A partir da crise econômica instalada, fruto de desequilíbrios orçamentários e falta de regulação dos mercados financeiros, os direitos sociais de maneira geral, e a saúde em particular, têm sido alvos das medidas de contenção de despesas e redução de investimentos. Se, por um lado, o contexto de crise econômica representa sofrimento e insegurança; por outro, também pode ser o momento oportuno para reavaliar os compromissos éticos e morais, como frequentemente tem sido observado ao longo da história. Tanto o processo de globalização da economia como o desenvolvimento na área da saúde, embora abundantes, não necessariamente tornaram mais fácil o acesso aos bens e serviços por eles produzidos para o conjunto da população mundial.

A bioética se preocupa com a identificação das questões éticas relacionadas às suas diversas dimensões, promovendo o diálogo entre os princípios da autonomia individual e a solidariedade coletiva. Reiterando, assim, o seu objetivo de apreender os problemas da vida sem *abstrair das profundas raízes filosóficas, religiosas, políticas e jurídicas*, conforme Pessini e Barchifontaine ²². Coerente com o compromisso em discutir as questões éticas e morais frente às condições de saúde e vida da sociedade contemporânea e para com as gerações futuras, não se tem furtado ao estudo interdisciplinar.

Para tanto, também tem aprofundado estudos e pesquisas nos novos conhecimentos biotecnocientíficos, bem como na sua aplicação custo-benefício individual e coletiva, uma vez que estes

amiúde têm gerado conflitos pessoais e familiares, além de constituírem-se desafios para a gestão e as políticas dos sistemas de saúde. Discutir a saúde em um mundo globalizado pode ser mais complexo, mas não necessariamente mais difícil, pois há maior disponibilidade de dados e maior agilidade e confiabilidade nas informações, provavelmente fruto do processo de globalização.

Portanto, diagnosticar dificuldades e definir prioridades é mais fácil hoje que no mundo anterior, onde mal se conhecia a geografia do planeta, fazendo com que os esforços atualmente se concentrem na explicitação dos interesses e na elaboração de acordos sustentáveis. Em contrapartida, o processo de mundialização aponta para os desafios postos pela diversidade cultural e pela difícil tarefa de se pensar saúde em um mundo de mentalidades, hábitos e costumes tão diferentes. Este é o paradoxo da atualidade: vivemos em um mundo simultaneamente próximo e distante, de fronteiras quase canceladas e aparentemente insuperáveis, de excessos e infinitamente indigente.

Hoje, ao se discutir transplantes, implantes e projeto genoma, que prolongam a vida, é preciso lembrar que também persiste a necessidade de buscar solução para a malária, dengue, febre amarela, hanseníase, entre outras – que ainda ceifam vidas precocemente em grande parte

do mundo. Somadas à aids e à violência urbana atual, estas doenças têm se mantido epidêmicas para as pessoas mais vulneráveis e para os povos mais pobres.

A bioética discute essa diversidade de problemas a partir dos princípios da justiça, da equidade e da solidariedade, que exigem mutualidade, haja vista ser necessária a sensibilização com o sofrimento alheio para que compartilhar recursos seja considerado medida legítima. Enfatiza a necessidade de proporcionar condições menos desiguais de renda *per capita* e acesso a serviços básicos, como saúde e educação, sem os quais não é possível vislumbrar um mundo mais estável e mais justo.

Nesse momento de crise econômica mundial, quando a solidariedade, a equidade e a cooperação parecem ser deixadas para um segundo nível de interesses, a bioética é um instrumento de alerta em relação aos imperativos éticos que devem ser levados em consideração para reduzir injustiças em um mundo globalizado, que também são incompatíveis com o equilíbrio ecológico planetário. Por conseguinte, a bioética pode auxiliar na tarefa de construir definições, articulações e padrões de estruturas mais transparentes e democráticas, que promovam uma comunidade global responsável com as gerações atuais e futuras.


Referências

1. Dante OG. La evolución de la salud internacional en el siglo XX. *Salud Pública Méx.* 1991;33(4):314-29.
2. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos [internet]. 2006 [acesso 15 mar. 2012]. Disponível: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_univ_bioetica_dir_hum.pdf
3. Giraldo AF, Alvarez-Dardet C. Salud pública global: un desafío a los límites de la salud internacional a propósito de la epidemia de influenza A. *Am J Public Health.* 2009;25(6):540-7.
4. Aristoteles. *Ética Nicomachea*. Milano: Rusconi; 1996.
5. Smith B, Cho Tang K, Nutbeam M. WHO Health promotion glossary: new terms. *Health Promot Int* [internet]. 2006 [acesso 15 jul. 2011];21(4):340-5. Disponível: <http://www.who.int/healthpromotion/about/HP%20Glossary%20in%20HPI.pdf>
6. Kickbusch I, Berger C. Experiências e lições aprendidas no desenvolvimento de capacidades em diplomacia da saúde global. *R Eletr de Com Inf Inov Saúde.* 2010;4(1):141-7.
7. Wikler D, Cash R. Ethical issues in global public health. In: Beaglehole R. *Global public health: a new era*. New York: Oxford University Press; 2003. p. 226-42.
8. Santos BS. *Globalização e as ciências sociais*. 3ª ed. São Paulo: Cortez; 2005.
9. Santos BS. *Op. cit.* p. 27.
10. Kawachi I, Wamala S. *Globalization and health*. New York: Oxford University Press; 2007. Chapter Globalization and health: challenges and prospects; p. 3-15.
11. Alarcos FJ. *Bioética global, justicia y teología moral*. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas/Editorial Desclee de Brouwer; 2005. p. 14.

12. Dreifuss RA. A época das perplexidades. Mundialização, globalização, planetarização: novos desafios. Petrópolis: Vozes; 1997. p. 136-56.
13. Dreifuss RA. Op.cit. p. 136.
14. Dreifuss RA. Op.cit. p. 156.
15. Sato E. Cooperação internacional: uma componente essencial das relações internacionais. R Eletr de Com Inf Inov Saúde. 2010;4(1):46-57.
16. Bertolozzi MR, Bogus CM, Sacardo DP. Saúde internacional e sistemas comparados de saúde pública. In: Rocha AA, Cesar CLG. Saúde pública: bases conceituais. São Paulo: Atheneu; 2008. p. 253-68.
17. Potter VR. Bioethics: bridge to the future. Englewood Cliffs: Prentice-Hall; 1971.
18. Fortes PAC, Zoboli ELCP. Ética da saúde pública. In: Rocha AA, Cesar CLG. Saúde pública: bases conceituais. São Paulo: Atheneu; 2008. p. 197-209.
19. Kottow M. Bioética de protección. In: Tealdi JC, director. Dicionario latino americano de bioética. Bogotá: Unesco/Universidad Nacional de Colômbia; 2008. p. 165-7.
20. Garrafa V, Porto D. Bioética de intervención. In: Tealdi JC, director. Dicionario latinoamericano de bioética. Bogotá: Unesco/Universidad Nacional de Colômbia; 2008. p. 161.
21. Guerra MM. A disciplina bioética. Revista Brasileira de Bioética. 2007;3(2):157-69.
22. Pessini L, Barchifontaine CP. Problemas atuais da bioética. 8ª ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo/Loyola; 2008. p. 237.

Participação dos autores

Os autores participaram conjuntamente da reflexão teórica desenvolvida para este artigo e de sua redação.



Recebido: 27.1.2012
Revisado: 18.6.2012
Aprovado: 2.7.2012